

## BOLETIM DO PROJETO

# “Uso de tecnologias sociais para redução do desmatamento”



## De sonho a realidade

Nas comunidades amazônicas, entre as famílias beneficiárias com o projeto “Uso de Tecnologias Sociais para Redução do desmatamento” o sentimento é de alegria. Com a construção através de mutirões comunitários das unidades PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) e a chegada dos insumos que integram os kits para geração de energia e irrigação das hortas, o projeto se torna aos poucos numa realidade concreta nas regiões e alimenta a esperança das famílias, que produzirão alimentos saudáveis para autoconsumo e na geração de renda.

Josélia, moradora da comunidade Pioneira em Altamira (Pará) e beneficiária do projeto, disse durante a construção coletiva da horta PAIS: “além de produzir para alimentar nossas famílias, com essa horta a gente também vai poder comercializar e incentivar as pessoas a produzirem e consumirem alimentos orgânicos, dizendo não aos agrotóxicos. É um projeto que vem num momento em que as pessoas estão usando muito agrotóxico na produção e isso está acabando com a nossa terra e a nossa água”.



Ela também comenta sobre o benefício de utilizar energia solar no sistema de irrigação: “se for irrigar uma horta desse tamanho com a energia comum, vai gastar demais, pois a energia é muito cara no Pará. Então é muito bom que possamos usar a energia solar. É algo muito inovador para a nossa região e com certeza vai ajudar a baratear a conta de energia”, afirma.

Sobre a construção coletiva dos PAIS, que está acontecendo em todas as regiões beneficiadas pelo projeto, Mariane Lucena, da equipe técnica do projeto no Tocantins, afirma: “temos insistido na ideia de que as famílias se juntem para a construção das hortas, pois isso facilita a aprendizagem coletiva, acelera a construção e anima as famílias a se organizarem para outras atividades, fortalecendo a unidade comunitária”. E relata: “nas hortas já implementadas, tem-se a participação de homens, das mulheres e jovens que ao nosso entender, recuperam a prática dos mutirões que em ocasiões foi sendo abandonada entre as famílias.” Raimunda, moradora do Projeto de Assentamento Boa Esperança do Burgo em Marabá reafirma: “Este projeto gera união, a gente se junta um na casa do outro, intercambiamos conhecimentos, o que um sabe passa para o outro e assim trocamos experiências”.

Os kits já foram entregues em todas as regiões beneficiárias e estão acontecendo as capacitações com as equipes técnicas e lideranças comunitárias. A partir dessa etapa de capacitação, vem a implementação de toda a infra estrutura prevista, que deve acontecer até o final de janeiro de 2019. O processo de construção das hortas está também bem avançado, e algumas já estão produzindo. Cleidi Passos, por exemplo, moradora do Assentamento Paraíso das Acácias, município de Candeias do Jamari em Rondônia, já iniciou a produção: “na nossa comunidade está sendo muito importante. Estamos trabalhando em mutirões, e a alegria é tanta que a gente já começou a plantar algumas coisas. É uma forma da gente se organizar, construir o que ganhamos e valorizar aquilo que é muito importante nas nossas vidas como a alimentação saudável”.





## A Agroecologia como desafio

Por Itamar Martins Batalha \*

**N**os últimos anos, temos acompanhado um processo acelerado de desmatamento desenfreado de grandes áreas, que matam e afugentam animais silvestres, reduzem a biodiversidade e afetam milhares de pessoas. Por detrás dos desmatamentos, está a lógica construída por grandes grupos econômicos vinculados à indústria do agronegócio, arrastando junto muitos pequenos agricultores que acabam assumindo esse modelo em suas pequenas propriedades.

Esse desmatamento é justificado pela necessidade da expansão das áreas para a produção de “alimentos” oriundos basicamente de monoculturas. Esse sistema necessita de grandes investimentos em mecanização, que contribuem para a compactação do solo e conseqüentemente sua erosão e a perda de nutrientes. Além disso, diminuiu drasticamente o número de pessoas no campo, através do êxodo rural, produzindo um efeito negativo também nos centros urbanos.

Este modelo necessita também de uma grande quantidade de fertilizantes e agrotóxicos, que causam contaminação dos solos e da água, assim como das pessoas que manuseiam esses produtos e as que vivem nas regiões pulverizadas. Contaminam também os alimentos ali produzidos, que vão afetar diretamente toda uma população consumidora. O modelo convencional de agricultura necessita também de uma grande quantidade de água para irrigação, comprometendo nascentes e dependendo da forma de utilização, toda a bacia hidrográfica de uma região.

Em contraponto a esse modelo de agricultura, a produção agroecológica busca a integração entre os vários elementos do ambiente: o solo, as plantas, animais e água, que são manejados respeitando suas potencialidades e seus limites, sendo o ser humano um componente integrado a esse ambiente. Como princípios agroecológicos busca-se a produção de alimentos saudáveis sem a utilização de agrotóxicos, o respeito ao meio ambiente, a preservação dos valores culturais das famílias, o resgate e a preservação das sementes crioulas para garantir a autonomia e soberania no desenvolvimento da produção camponesa, produção diversificada para combater a fome e a desnutrição das famílias, geração de renda com a venda de excedentes, utilização eficiente e com racionalização de área e dos recursos naturais disponíveis.

O projeto “Uso de tecnologias sociais para redução do desmatamento”, é uma conquista do Movimento dos Atingidos por Barragens, executada pela Associação de Desenvolvimento Agrícola Interestadual, com recursos do Fundo Amazônia, que busca resgatar e/ou fortalecer as práticas vinculadas aos princípios da agroecologia, em todas as suas dimensões, seja no campo da produção de alimentos saudáveis, no cuidado e no respeito ao meio ambiente, bem como, a reconstrução de bases de conhecimento entre as populações, em especial na Amazônia, foco do projeto. Fortalece assim o sentimento de pertença dessas populações ao território onde atuam, estabelecendo conexões entre as famílias das comunidades e os consumidores dos centros urbanos, no desafio permanente da construção de uma sociedade ambientalmente correta e socialmente justa.

\* Engenheiro Florestal, formado pela Universidade Federal Rural da Amazônia.



*“Pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade”*

**Chico Mendes**

